

ENTRE CURRÍCULOS E NEOLIBERALISMO: REFLEXÕES SOBRE OS DESAFIOS PARA O ENFRENTAMENTO DE DISCURSOS DE ÓDIO NO ENSINO DE HISTÓRIA¹

Eleonora Abbad Stefenson²

Pedro Tavares Rodrigues³

Lucas Emmanuel Neves Cruz dos Santos⁴

Luís Gustavo de Souza Nunes⁵

Everardo Paiva de Andrade⁶

RESUMO

Esta comunicação tem como objetivo refletir acerca dos impactos dos discursos de ódio em turmas de Ensino Médio em horário integral e do Ensino de Jovens e Adultos em uma escola pública, focalizando na experiência das juventudes periferizadas. Apostamos que a urgência em refletirmos sobre os impactos da presença de discursos de ódio dentro dos contextos escolares decorre, igualmente, das recentes mudanças nas estruturas sociais, econômicas e políticas do Brasil, fomentadas pela emergência e colapso econômico do país em um ambiente neoliberal pós-Lula e pós-Bolsonaro. Assim, para aprofundarmos esta reflexão, partiremos de duas experiências vivenciadas no âmbito do Programa Institucional de Iniciação à Docência (PIBID), aqui recuperadas para compreender a conexão dos pensamentos e expressões de ódio por parte de estudantes periferizados com o crescente avanço do neoliberalismo no Brasil, observando-o a partir do conceito de conservadorismo elaborado pela pesquisa de José Antônio e Denize Sepulveda e seus impactos no currículo escolar, dialogando com as ideias de Michael W. Apple sobre a relação entre currículo e ideologia. Por fim, apontaremos algumas estratégias adotadas nas aulas de História, as quais utilizaram as concepções de diálogo de Paulo Freire e Moacir Gadotti, com o objetivo de disputar um currículo comprometido com os Direitos Humanos mediante a ascensão da extrema direita e o crescimento do discurso neoliberal nas escolas e nos currículos.

Palavras-chave: Discursos de Ódio, Currículos, Direitos Humanos, Juventudes;

¹Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense (PPGE/UFF) e Professora da Rede Estadual, Niterói/RJ, Brasil, Graduada do Curso de Licenciatura em História da Universidade Federal Fluminense - UFF, noraabad.uffrj@gmail.com;

²Graduando do Curso de Licenciatura em História da Universidade Federal Fluminense - UFF, pedrotr@id.uff.br;

³Graduando do Curso de Licenciatura em História da Universidade Federal Fluminense - UFF, neves_lucas@id.uff.br;

⁴Graduando do Curso de Licenciatura em História da Universidade Federal Fluminense - UFF, luizgustavonunes@id.uff.br;

⁵Professor da FEUFF, graduado em História, doutor em Educação, everardoandrade@id.uff.br.

⁶Esse trabalho é fruto das experiências vividas pelo Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) de ensino da História da Universidade Federal Fluminense (UFF).





INTRODUÇÃO

No ano de 2018 o Brasil presenciou uma das eleições mais polarizadas das últimas duas décadas. Em um dos pólos vivenciamos o avanço de uma agenda que mobilizava pautas conservadoras, atreladas a grupos religiosos cristãos, e, igualmente, discursos neoliberais. Assistimos, portanto, nos últimos anos a rápida expansão da extrema direita no ambiente político do país. Dessa forma, a sensação de esperança, fomentada pela inserção econômica de grupos perifizados da sociedade brasileira, experienciada durante os primeiros mandatos de Luiz Inácio Lula da Silva (PT), foi substituída pelo ódio e o hiper individualismo alimentados pelo conservadorismo neo liberal.

Entretanto, a polarização política do país e a ascensão do bolsonarismo não apenas escancarou o tamanho da penetração de um projeto conservador nas estruturas sociais do povo brasileiro, mas, para fins deste trabalho, afetou a educação no país. Segundo os pesquisadores José Antonio Sepulveda (2019) e Denize Sepulveda (2019), tal penetração conservadora, movida por um pânico moral e, em especial, pela família Bolsonaro, resultou em um constante ataque a uma perspectiva de educação democrática. Vindo de movimentos como “Escola sem partido”, tais ataques acabaram acarretando mudanças na educação brasileira em favor da difusão do conservadorismo. De acordo com aos educadores:

“A narrativa do Escola sem Partido, vitaminada pelo discurso religioso, encontrou abrigo político na família Bolsonaro, que encomendou ao procurador do estado de São Paulo, Miguel Nagib – não por acaso, coordenador daquele movimento –, um modelo de projeto de lei com base nos argumentos do Escola sem Partido, no intuito de ser apresentado para políticos, estimulando-os a construir projetos similares em todos os entes federados. Com isso, o resultado mais efetivo foi o ataque e a caça aos projetos de lei que defendessem de alguma forma as pautas de gênero. Foi essa onda de ataques que atingiu em cheio a BNCC (BRASIL, 2017), por exemplo. O clima tenso na política e na economia brasileira – 12 milhões é o número de desempregados em 2019 (Loschi, 2019) – afetaram a sociedade de tal forma que o discurso conservador passou a ocupar um lugar de destaque. A culminância disso foi a eleição de Jair Bolsonaro à presidência do Brasil, em 2018. Seu discurso de que não permitiria que se fizesse “ideologia de gêneros” nas escolas, entre outras pautas conservadoras, adentrou em cheio algumas dessas instituições. (SEPÚLVEDA; SEPÚLVEDA, p.884, 2019)





Assim, o ambiente escolar tornou-se o maior palco dos embates ideológicos provocados pela extrema direita, não somente prejudicando a relação entre aluno e professor, mas impactando a própria ideia de currículo escolar no Brasil, transformando-o em um programa desprovido de senso crítico, em prol de uma suposta neutralidade ideológica e moral nas escolas.

Decerto, os discursos de ódio e o conservadorismo promovidos pelo bolsonarismo ainda impactam negativamente na maneira que ensinamos. O medo do conflito, tanto com alunos quanto com os pais que vincularam-se ao pensamento conservador, além da continuidade da imposição de políticas de estado neoliberais na educação, limitam o que professores de todas as disciplinas no país poderiam abordar em sala de aula. Por consequência, certos tipos de conhecimento são privilegiados em sala de aula enquanto outros são esquecidos.

Em vista disso, buscamos compreender os impactos da ascensão do discurso bolsonarista no currículo escolar, a partir do diálogo entre a ideia de conservadorismo em contexto curricular, elaborada por Denise e Antonio Sepulveda, com o pensamento sobre currículo e ideologia de Michael Apple (2002). Tais reflexões tomam como ponto de partida dois relatos de experiência vivenciados em turmas de ensino médio e de Educação de Jovens e Adultos, no âmbito das atividades realizadas por professores em formação inicial do núcleo de história do PIBID, dentro do Colégio Estadual Guilherme Briggs - Intercultural Brasil-Espanha, localizado na cidade de Niterói. Desse modo, serão apontadas estratégias elaboradas pelos docentes em conjunto com professores residentes, as quais utilizaram concepções de diálogo de Paulo Freire (1995) e Moacir Gadotti (1995) para disputar um currículo que respeite os direitos humanos.

2. METODOLOGIA

Este estudo trilha o caminho da pesquisa qualitativa, adotando uma perspectiva exploratória e descritiva para examinar vivências pedagógicas específicas. A opção pela



exploração se deve à importância de entender a fundo como discursos de ódio e ideias conservadoras se manifestam e afetam o cotidiano escolar. Tratando-se de um problema complexo, é necessário um olhar atento e uma análise detalhada das narrativas. Por isso a utilização de um método descritivo é adotada com o intuito de apresentar o contexto e as práticas dos professores, assim como as respostas dos alunos, criando uma base concreta para as análises teóricas que virão.

A escolha por uma metodologia qualitativa mostra-se essencial, uma vez que o foco principal deste estudo reside não na extrapolação estatística, mas na compreensão detalhada das relações, das falas e dos sentidos ocultos nas posturas dos alunos. Dessa forma, a ligação entre o neoliberalismo, o conservadorismo e a manifestação de aversão entre os jovens marginalizados só ganhará sentido quando analisamos o cenário social, cultural e ideológico em que gira em torno dos alunos.

A metodologia de pesquisa empregada é o estudo de Caso Múltiplo, conforme a tradição de pesquisas em Educação, onde cada relato de experiência vivenciado no âmbito do Programa Institucional de Iniciação à Docência (PIBID) é tratado como um caso distinto, mas interconectado pela problemática central: o embate curricular e o discurso de ódio. Desse modo, a análise comparativa de dois casos escolhidos pelos autores possibilita identificar semelhanças teóricas e práticas em ambientes escolares distintos dentro do ensino de jovens e adultos e no ensino médio regular. Assim, fortalecendo a percepção de que a questão do conservadorismo e da intolerância se manifesta em diferentes níveis de ensino, espelhando as ideologias dominantes no Brasil.

O embasamento metodológico das intervenções pedagógicas realizadas no PIBID, reside integralmente no pensamento de Paulo Freire (1987) e Moacir Gadotti (1995), conforme recuperado nesses relatos. A pertinência em dialogar com as obras *Pedagogia do Oprimido* (1968) e *Pedagogia: Diálogo e Conflito* (1989) transcende a mera citação teórica, pois elas oferecem a chave de leitura para interpretar a resistência dos alunos e a função do currículo no contexto de neoliberalismo.





Não obstante, em ambas as experiências, os alunos se mostraram "pouco aptos a desejar uma pronúncia do mundo", reagindo às dinâmicas e intervenções elaboradas tanto com piadas ofensivas ou com a pura negação do conhecimento crítico colocado em pauta, claramente manifestando uma ação antidialógica. No pensamento freiriano, a antidialogicidade serve à opressão e à manutenção do discurso de ódio, algo que é presente na retórica conservadora, sempre operando com táticas anti-dialógicas, baseadas na conquista, na manipulação e na invasão cultural, impedindo a criticidade e reforçando a ideologia hegemônica (Apple, 2008). A incapacidade de "se colocar no lugar do outro" (Freire, 1987) por parte dos estudantes reflete a naturalização da injustiça e da desigualdade, essência do conservadorismo (Sepúlveda, 2019).

Por fim, é crucial contatar para esta análise metodológica que o diálogo não deve ser confundido com consenso ou ausência de embate. Pelo contrário, as situações vivenciadas na escola demonstram que o diálogo, quando confrontado com ideologias antagônicas (como o conservadorismo extremo), gera conflito. O conflito é, portanto, o dado empírico da intervenção e o ponto de partida para a ação pedagógica. A metodologia dialógica, neste contexto, não visa extinguir o ódio ou o conservadorismo instantaneamente, mas sim criar o espaço — lugar metodológico — onde tais discursos são confrontados, problematizados e desnaturalizados, inaugurando a possibilidade de superação da consciência oprimida e de disputa pela construção de um currículo realmente democrático.

3. REFERENCIAL TEÓRICO

De início, vale ressaltar que tanto a discussão sujeita a esse texto quanto às estratégias utilizadas foram iniciadas e aplicadas em dois ambientes diferentes e mediadas por equipes distintas. O primeiro caso aconteceu em uma turma de educação de jovens e adultos (EJA), enquanto o segundo ocorreu com as turmas de primeira e segunda série do ensino médio, fora e dentro da sala de aula. Por isso, a discussão será analisada a partir de dois casos diferentes vivenciados em contextos escolares dissemelhantes, embora as problemáticas se encontrem no mesmo âmbito.





O primeiro caso aconteceu durante uma aula sobre as obras de Monteiro Lobato - com o intuito de debater as teorias raciais presentes no século XIX no Brasil e no mundo - ministrada tanto pela professora supervisora quanto pelos pibidianos que acompanhavam as turmas da EJA em horário noturno. Durante a aula, os docentes utilizaram-se de excertos do livro “Caçadas de Pedrinho”, onde Lobato descreve a personagem Tia Nastácia, uma mulher negra trabalhadora do sítio, de uma forma racista e degradante, para assim conversar sobre as questões etnico-raciais de seu tempo junto aos alunos. Todavia, ao longo do debate, um aluno procurou contestar as críticas voltadas ao autor e a realidade que os docentes estavam discutindo, argumentando que o discurso de ódio racial demonstrado no fragmento do livro também ocorre com pessoas de pele branca, incitando uma discussão tempestuosa entre ele, a professora e os pibidianos.

Contudo, a fala do aluno provocou uma reflexão sobre a natureza da recepção do alunado sobre os debates raciais, de gênero e religião que possivelmente poderão ser abordadas em uma aula, além do ponto de vista dos discentes sobre esses assuntos. Logo, procuramos analisar em conjunto o discurso deste estudante durante as plenárias do núcleo de história do PIBID e as reuniões do subnúcleo designado ao Colégio estadual Guilherme Briggs, utilizando-se das ideias principais de José Antonio e Denise Sepúlveda no momento da análise. Dessa maneira, procuramos compreender qual é a natureza da visão de mundo demonstrada pelo aluno, não a vendo como ignorância, mas, o reflexo de um ponto de vista afetado por uma ideologia conservadora.

De acordo com os Sepúlvedas, o conservadorismo é essencialmente uma narrativa que naturaliza e defende as desigualdades sociais presentes na sociedade, sempre em um contexto de oposição a avanços sociais (SEPÚLVEDA; SEPÚLVEDA, p.875, 2019). Por isso, tal ideologia não pode ser vista como apenas um conjunto de ideias binário definido por sua oposição, mas, um ideário que se constrói como uma ferramenta de mantimento do status quo, sendo o reflexo da própria cultura e sociedade a qual vivemos. Dessarte, conseguimos compreender que a perspectiva demonstrada pelo aluno é em seu núcleo conservadora, pois, ao questionar as injustiças e desigualdades vigentes na sociedade brasileira, o aluno





respondeu com negação a uma crítica fundamentada com conhecimentos históricos e sociológicos.

Embora que o primeiro episódio tenha conseguido levantar uma reflexão sobre a presença do conservadorismo dos alunos, o fato da situação apenas envolver pessoas as quais não tiveram um contato longo com a educação nas suas vidas limitou o campo de análise dentro da temática dos discursos de ódio na educação. No entanto, o segundo incidente, vivenciado nas turmas de ensino médio, expandiu a reflexão para além dos alunos, fazendo com que os pibidianos percebessem um desafio maior.

Ocorrendo inicialmente fora da sala de aula, durante o recreio das turmas de ensino médio no horário da manhã. O caso envolveu um grupo de alunos, os quais o corpo docente não tem conhecimento sobre suas identidades, que desenharam uma suástica no banheiro masculino, escrevendo o nome de um outro aluno não envolvido com o intuito de insultá-lo. Devido a isso, os professores de História e Sociologia, incluindo a professora supervisora do PIBID e os pibidianos, resolveram organizar duas palestras com as turmas de primeira série e segunda séries do ensino médio, expondo vídeos documentários sobre o holocausto com o intuito de confrontar a situação e conscientizá-los sobre a seriedade da “brincadeira”.

A princípio, parecia que o objetivo era utilizar essas curtas para “chocá-los” e assim conscientizá-los, todavia, ao adotar a dialogicidade como estratégia para transmitir a sua mensagem em um momento de debate após a exibição, a dinâmica da atividade se provou mais complexa. Segundo Paulo Freire, o diálogo se configura como “um encontro” que ocorre entre pessoas que desejam o que ele chama de “pronúncia do mundo”, através da sinergia entre a reflexão e a ação (FREIRE, 1987, p.44-45). Assim, o diálogo apenas se torna real quando ele é estabelecido por pessoas que tenham compromisso com a humanidade e consigam se colocar no lugar do outro (FREIRE, 1987, p.45-47). Portanto, os educadores não dependeram do vídeos sobre o holocausto, porém, contaram com sua capacidade de ouvir os alunos e procurar compreender sua visão de mundo, refletindo juntos através do diálogo e do





constante questionamento de sua perspectiva, não procurando coagi-los, mas, confrontar sua visão sobre o nazi-fascismo com gentileza.

Entretanto, a visão dos discentes sobre a problemática em questão se provaram antagônicas a metodologia dialoguista proposta pelos docentes. Levando a situação como uma brincadeira, alguns alunos expressaram piadas ofensivas sobre o assunto ao longo da reflexão, se provando pouco aptos a desejar uma “pronúncia do mundo”, não procurando engajar no diálogo junto aos professores de forma crítica. Assim, mesmo que a atividade não pareceu efetiva, ela levantou questões sobre a própria natureza da visão de mundo dos alunos e como após anos dentro do ensino público brasileiro eles ainda não desenvolveram um senso crítico para discernir o grave do leve.

O desenvolvimento da criticidade do aluno é movido por diversos fatores presentes na escola, dentre eles, principalmente o conhecimento que é favorecido dentro dos currículos elaborados pelo sistema educacional brasileiro. O educador Michael Apple (2008) define que todo currículo é inerentemente ideológico e político, sendo atravessado pelas variadas relações de poder presentes no mundo o qual a escola se insere (APPLE, p.9-22, 2008). Em razão disso, a maior pergunta levantada, tanto pelas ideias de Apple quanto pela situação vivenciada no PIBID, não consistiu em entender qual tipo de conhecimento é valorizado na educação brasileira, mas, a qual conjunto de ideários esse conhecimento pertence e qual é o seu impacto na formação da visão de mundo dos alunos.

Dessarte, Apple define que o currículo, juntamente com outras questões educacionais, reproduzem relações sociais e econômicas existentes, consequentemente, espelhando suas desigualdades e injustiças (APPLE, p.24-25, 2008). Segundo aos Sepúlvedas, no Brasil a situação não é diferente, uma vez que os constantes ataques conservadores às instituições educacionais, vindos de organizações de extrema direita e bancadas religiosas presentes no universos legislativo brasileiro, não só ameaçam a laicidade e o estado de democracia, mas, transformam o currículo em um espaço de constantes embates ideológicos (SEPÚLVEDA; SEPÚLVEDA, p.887, 2019). Em razão disso, novos currículos como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), utilizadas por instituições estaduais e federais, assim como o





colégio Guilherme Briggs, se dobram sobre essa pressão e não incluem conhecimentos que não pertencem a grupos dominantes na sociedade brasileira, favorecendo uma educação supostamente “neutra” a qual oculta questões de gênero e religião em prol de uma visão cristã e hetero-normativa dominante, pertencente às classes sociais que imperam a sociedade.

Dito isso, é viável compreender que o conhecimento presente nos currículos atualmente pertencem a uma ideologia caracteristicamente hegemônica cujo não procura questionar os problemas sociais inerentes a sociedade, porém, visa a manter o estado atual da sociedade funcionando, tornando cada vez mais necessário adotar uma postura questionadora a visão de mundo dos alunos através do constante diálogo e confronto, para tornar possível uma disputa por um currículo que não coloque limites no pensamento crítico dos discentes frente a situações de intolerância.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, a partir dessas reflexões elaboradas ao longo do PIBID, concluímos que as estratégias de diálogo, questionamento e confronto em sala de aula, inspiradas pela metodologia elaborada por Paulo Freire, são fundamentais para criar um espaço de reflexão cujo gere conhecimentos que consigam questionar os ideários por trás dos sistema educacional brasileiro. Através da análise do comportamento dos alunos, é compreensível que sua falta de criticidade sobre as ideias hegemônicas da sociedade é um reflexo direto do atual ideário curricular brasileiro, o qual oculta conhecimentos que tornam possível uma verdadeira disputa de um currículo que respeite os direitos humanos e que provoquem os alunos a questionarem as desigualdades presentes ao seu redor.

Referências

MOACIR GADOTTI; FREIRE, P.; SÉRGIO GUIMARÃES. Pedagogia: diálogo e conflito. SEI, 1995.

FREIRE, P. Pedagogia do oprimido. Rio De Janeiro ; São Paulo: Paz E Terra, 2019.





APPLE, M. W. A política do conhecimento oficial In: Currículo, Cultura e Sociedade - 7º edição. São Paulo: Cortez, 2002.

APPLE, M. W. Ideology and Curriculum. [s.l.] Routledge, 1990.

SEPÚLVEDA, J. A. M. O PENSAMENTO CONSERVADOR E SUA RELAÇÃO COM PRÁTICAS DISCRIMINATÓRIAS NA EDUCAÇÃO: A IMPORTÂNCIA DA LAICIDADE. Revista Teias, v. 17, n. 47, 10 ago. 2016.

SEPULVEDA, J.; SEPULVEDA, D. Conservadorismo e seus Impactos no Currículo Escolar. Currículo sem Fronteiras, v. 19, n. 3, 31 dez. 2019.



